

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal de Brasília Class.: 86
Data 01/07/80 Pg.: _____

Jornal de Brasília 1.7.80
Índios denunciam sua miséria

Os representantes de 26 nações indígenas prepararam, em Brasília, uma mensagem para ser entregue ao Papa, onde denunciam a situação da miséria do índio brasileiro, falam de suas lutas e lamentam que o Sumo Pontífice vá a Manaus "ver os índios cantar e dançar", enquanto roubam suas terras, matam seus chefes e forçam os índios a trabalharem como escravos.

Ao mesmo tempo, o Conselho Indigenista Missionário — Cimi, órgão da CNBB — emitia um comunicado à imprensa, situando a luta dos indígenas em defesa da terra e a atuação da Funai, que tem permitido a penetração cada vez maior de grandes proprietários e de empresas multinacionais em território dos índios.

No documento, o Cimi lembra que o Papa João Paulo II encontra hoje, no Brasil, uma população de 210 360 índios, os sobreviventes da "guerra de extermínio que só neste século liquidou fisicamente com mais de 800 mil índios e fez desaparecer quase 90 nações diferentes".

"Na última década" — prossegue — as nações indígenas no Brasil sentiram aumentar assustadoramente o avanço das chamadas frentes de penetração — nas quais se encontra um grande número de empresas multinacionais como Volkswagen, Nixdorf, Mineração Badin, Swift, Aracruz Celulose, Jari Florestal, Brascan — por meio das rodovias e projetos agropecuários e de colonização financiados pelo capital internacional através do Governo Militar".

Mais adiante, o comunicado denuncia o ressurgimento do projeto de emancipação das comunidades indígenas sob a forma de uma "política de regionalização" que significaria, na prática, colocar a política indigenista oficial nas mãos dos governadores de Estados que, "quando não são eles próprios latifundiários, estão vinculados politicamente a eles e são notoriamente defensores da grande propriedade".

Como resposta a toda essa



situação, o Cimi coloca o surgimento das primeiras assembleias reunindo as lideranças das diversas nações indígenas do país, para discutirem seus problemas e organizarem formas de luta e de mobilização da opinião pública nacional.

A mensagem preparada pelos índios lamenta que o Papa vá a Manaus e não veja "os milhares de índios que vivem uma vida subumana" naquela cidade. Vivem como trabalhadores mal pagos, como empregadinhas domésticas e até como prostitutas. E prossegue afirmando que seria bom se o Papa fosse até o Vale do Guaporé, "para ver o povo Nambikwára vivendo numa situação comparável à dos exilados da Biafra; ver como o próprio órgão de proteção ao índio — a Funai — aprovou a entrada de dezenas de fazendas que levam a morte aos Nambikwára, usando de todos os meios, até de produtos químicos, para desmatamento; ver como agora, neste momento, o Brasil apela a Bancos estrangeiros para construir a estrada BR-364, por um novo traçado que passará sobre as aldeias desses mesmos índios".

"A situação é um caso de ver-

gonha nacional", dizem os índios, e afirmam: "Nós achamos que o Senhor também está ficando triste e vai ter dificuldades de saudar, com um sorriso nos lábios, o governo e os poderosos que estão criando o maior sofrimento para nós e para os pobres — a imensa maioria do povo deste país, rico de recursos e rico de misérias".

Os representantes das 26 nações indígenas terminam a mensagem pedindo que o Papa a divulgue e perguntam: "Cristo teria duras palavras a dizer aos chefes deste país. E o Senhor, que os católicos dizem que é representante de Cristo, o que dirá"?

É pouco provável que o Papa possa dizer alguma coisa de público. Ainda ontem, o monsenhor Paul Marcinkus dizia — após fazer o última revisão no esquema de segurança de João Paulo II na base aérea de Brasília, poucas horas antes da chegada do avião papal — que o sumo pontífice não faria nem uma declaração política nos treze dias que passará no Brasil. E o monsenhor Marcinkus costuma saber com exatidão como se encaminha a política do Vaticano.

Dom Tomás Balduino repudiou a programação das atividades organizadas pela arquidiocese de Manaus, onde uma delas é estimular os índios da região a dançarem e cantarem para o papa. Dom Tomás afirma que não tem sentido impor a estas nações um comportamento que não tem muito a ver com o seu estado de espírito destes índios, hoje oprimidos e envolvidos numa luta ferrenha contra a Funai e por terras.

Dom Tomás disse ainda que o significado da visita do Papa João Paulo II é de reengradecimento da igreja católica no Brasil, sem deixar de ser um acontecimento pastoral, «pois a Igreja nunca pode ser concebida fora da vida social de cada povo, de seus problemas e de seus anseios».

Na sua opinião, o roteiro elaborado favoreceu muito as grandes cidades e não dá oportunidade para o Sumo Pontífice conhecer locais menores.